

Ched MYERS,
O Evangelho de São Marcos

SÃO PAULO, PAULINAS, 1993, 582 pp.

Ao elaborar um comentário de um livro da Bíblia, o autor enfrenta alguns desafios, entre os quais podemos salientar os seguintes: como superar o abismo entre pensamento e prática; entre estudo acadêmico da Bíblia e estudo popular da mesma; entre religião e as coisas que tocam o dia-a-dia; entre o passado (história morta) e o presente (a vida real).

A situação se torna mais crítica ainda quando partimos de pressupostos, ou seja, elabora-se um comentário para justificar e sacramentar um tipo de teologia que tem poucas raízes na Bíblia.

Ao longo da história da exegese, poucos autores levaram em conta a necessidade de superar esse abismo. Muitos, inclusive, nem se puseram a questão, preferindo permanecer no texto, tornando-o asséptico e, conseqüentemente, descomprometendo-o com as realidades que tocam a vida. Com isso pretenderam justificar a neutralidade da Bíblia diante dos cruciais desafios que a sociedade enfrenta.

Isso não pode ser dito a respeito do comentário de Ched Myers. Pelo contrário, a obra situa-se dentro da vertente da sociologia bíblica, surgida há duas décadas sob o influxo de Norman K. Gottwald, que assim expressa seu objetivo: trata-se de um *“esforço fundamental para conectar entre si aspectos do estudo da Bíblia que foram deixados de lado e tratados como não relacionados entre si, até como antagônicos na Academia e nas Igrejas... Muitas cisões gritantes que atualmente separam os diversos aspectos integrais da hermenêutica política e social podem e devem ser solidamente ligados entre si pela reflexão crítica e pela prática”*.

Ched Myers supera essas cisões. Seu comentário possui coerência e seriedade próprias do estudo acadêmico da Bíblia, mas ao mesmo tempo está ancorado na dura realidade das Américas, da Ásia e da África. De fato, antes de se tornar um livro, o manuscrito foi objeto de *“reflexão sobre a praxe real (não imaginada), que crescia durante uma década, organizando-se e agindo com irmãos e irmãs... no meio do mundo, que lutavam para discernir e encarnar um modo diferente de ser humano e cristão”* (p. 20).

O autor vê o Evangelho de Marcos como um manifesto, pois *“foi escrito originalmente para ajudar súditos imperiais a aprenderem a dura verdade sobre o seu mundo e sobre si mesmos. Ele não pretende apresentar a Palavra de Deus desapaixonada ou imparcialmente, como se essa Palavra fosse inocuamente universal no seu apelo ao rico e ao pobre ao mesmo tempo. O seu relacionamento é história feita pelos comprometidos, que versa sobre os comprometidos e que se dirige aos comprometidos com a obra de Deus, obra de justiça, de compaixão e de libertação do mundo”* (p. 34).

O título original inglês salienta fortemente esse compromisso: *Linding the Strong Man. A political reading of Mark's story of Jesus (Amarrando o homem forte. Leitura política da narrativa marcana sobre Jesus)*. Jesus é, de acordo com o próprio Marcos, o Homem Forte por excelência, que veio amarrar, desarmar e seqüestrar os bens que o Homem Forte havia tomado. Por isso a ação de Jesus — e a de seus seguidores — tem implicações políticas, econômicas e ideológicas. Sua prática e a mensagem que a espelha não são neutras. Pelo contrário, são uma estratégia para desarmar o sistema de morte que escraviza o povo.

É por isso que o autor escolheu o Evangelho de Marcos. Fez a opção de lê-lo numa linha política, salientando, entre outras coisas, a ideologia e a estratégia social da comunidade de Marcos: a situação histórica, o Evangelho como crítica sociopolítica e socioeconômica, postulando uma prática política e socioeconômica nova. Dessa leitura surge um novo rosto de Jesus (cristologia), abrindo espaço para uma cristologia política e um discipulado radical.

A obra divide-se em quatro partes: 1. Texto e contexto; 2. Leitura da primeira metade de Marcos (1,1-8,21); 3. Lendo a segunda metade de Marcos (8,22-16,8); 4. Marcos e o discipulado radical.

A primeira parte apresenta questões metodológicas: por que a escolha recaiu em Marcos? A seguir, o autor analisa os discursos políticos e a “guerra dos mitos”. O que o Evangelho de Marcos tem a dizer a esse respeito? Myers afirma que o Evangelho é uma narrativa ideológica dentro dos quadros do tempo e do espaço sociopolíticos da Palestina do século I. De fato, a Palestina dessa época é repleta de tensões socioeconômicas e sociopolíticas que explodiram na guerra judaica. É dentro des-

sas tensões que se situa o surgimento do Evangelho de Marcos, e seu berço não é a capital do império (Roma), e sim a Palestina em situação de revolta (anos 66-70 da nossa era). Esta primeira parte aborda, também, as tensões socioculturais: a ordem simbólica com suas estratégias ideológicas e sociais.

Rastreado o terreno onde nasceu o Evangelho de Marcos, a segunda parte da obra inicia-se levantando as questões referentes ao estilo literário e à estratégia de Marcos, para o qual Jesus veio “amarrar o Homem Forte” (o sistema sociopolítico, econômico e ideológico que mantém o povo submetido ao poder totalitário do império romano). A ação de Jesus — nesta primeira parte do Evangelho de Marcos — é vista como um assalto à ordem social judaica. Ela tem início em Cafarnaum. A prática de Jesus — e seu ensinamento — constituem o primeiro sermão sobre a paciência revolucionária que conduz a uma nova ordem social.

Na terceira parte do livro — que contempla a segunda parte do Evangelho de Marcos — o autor retoma o tema da nova construção social nascida das palavras e das ações de Jesus. Ele enfrenta, agora, os poderes estabelecidos e instalados em Jerusalém. O conflito chega ao auge, mas a prática de Jesus se torna novo paradigma de paciência revolucionária em vista da nova ordem social. Jesus é preso, julgado e morto pelo Homem Forte, mas a força da vida tem a última palavra.

Depois de ler toda a obra de Marcos nessa ótica, o autor acrescenta ao seu livro a quarta parte. Esta se caracteriza pela demonstração da ideologia e estratégia social da comunidade de Marcos. Nessa parte salientam-se os seguintes aspectos: a situação histórica da produção de Marcos; o Evangelho como crítica sociopolítica e socioeconômica. Daí emergem algumas consequências interessantes, passando por caminhos até então praticamente inexplorados: uma nova prática política, uma nova prática socioeconômica e indicações substanciais para uma cristologia política.

O livro de Ched Myers é um novo marco na exegese do Novo Testamento. Estou convencido de que não será mais possível ler o Evangelho de Marcos dentro dos padrões tradicionais, pois o que se fez até o momento — consciente ou inconscientemente — foi despolitizar a prática e as palavras de Jesus. A obra de Ched Myers é uma espécie de divisor de águas. Os que lidam com o Evangelho de Marcos têm em mãos um instrumental que os estimulará, além das expectativas, a buscar uma militância nova para a construção de uma ordem social alternativa.

José Bortolini
Mestrado em Bíblia - Bíblico, Roma
Professor do ITESP

Jon SOBRINO,
Espiritualidade da libertação.
(Teologia da libertação — Comentários).

SÃO PAULO, LOYOLA, 1992, 214 pp.

O livro foi publicado em 1992. Sua divulgação maior tem sido neste ano.

Jon Sobrino aborda vários aspectos da Espiritualidade cristã, tendo como pano de fundo a Teologia da Libertação. Resgata a contribuição da Teologia da Libertação na vida espiritual dos pobres. Sem polemizar, o autor está convencido que a espiritualidade da Igreja dos Pobres é fruto do seguimento de Jesus. Desta forma, a espiritualidade é marcada pela inserção, compromisso histórico e santidade política.

Sobrino retoma artigos escritos na década de oitenta, reelaborando-os. A importância está na sua força teológica: suas argumentações tem como veio central as perspectivas da Teologia da Libertação, inclusive desenvolvidas por Ellacuría, Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, J. P. Miranda, Pedro Trigo. Busca, também nos documentos pastorais da Igreja do continente os frutos do Espírito, a partir da prática dessa espiritualidade conflitiva.

O livro está dividido em três partes:

1ª PARTE: São focalizados os pressupostos e fundamentos da Espiritualidade Cristã. As principais idéias elencadas, no seu conjunto, emanam da Bíblia: fidelidade ao real, projeto de justiça, a dialética da história, a irrupção dos pobres. Essas características marcam a história do povo de Deus na Bíblia, cuja luta se concentra sobretudo na defesa da vida. O Deus de Israel é vivido e experimentado como o DEUS DA VIDA. Neste capítulo, o autor analisa a Espiritualidade da Teologia da Libertação, marcada pela presença do Espírito de Deus. Discute, a partir de Gustavo Gutiérrez, tendo como referência "*Beber em*

seu próprio poço", que sentido tem a vida no Espírito, o rompimento com o dualismo antropológico, corpo e alma, as implicações advindas com o SEGUIMENTO A JESUS. Aqui ele destaca o Encontro com o Senhor, experimentado pelos pobres da América Latina.

2ª PARTE: São apresentadas as dimensões da Espiritualidade O Reino de Deus, vivido por Jesus, é uma utopia que não tem sentido etéreo; sua realização acontece dentro das mediações históricas embora aí não se esgote. O autor insiste no caráter encarnatório da fé; por conseguinte, o Reino, como referência básica, impede focalizar a espiritualidade fora das estruturas humanas. A fé, a esperança e a caridade são realidades exigidas pelo Reino, convite aberto a todos que desejam seguir o Senhor. Ainda nesta parte, focalizam-se os conflitos internos e externos da Igreja, ontem e hoje. Os conflitos resultam do profetismo nascido da espiritualidade da Igreja dos Pobres.

3ª PARTE: Trata-se de um apêndice. Jon Sobrino recolhe as experiências dos mártires, homens e mulheres, cujas vidas são fontes de Espiritualidade. Evidencia, com vigor, a crucificação dos pobres, os quais aspiram por vida. Se a teologia da América Latina não for fiel a estes pobres, perde o seu vigor espiritual, sua força histórica. Retoma, por fim, a cristologia necessária para o continente: a fidelidade de Jesus aos pobres aos quais anuncia com parcialidade o Reino. Ele termina o livro com um desafio: a espiritualidade da Igreja dos pobres deve ser um questionamento para as Igrejas Europeias.

O QUE FALTOU CONSIDERAR: Não obstante o autor tratar a questão da Espiritualidade da Teologia da Libertação com maestria e profundidade, faltou uma articulação melhor entre os temas, aparentemente justapostos. O Autor evoca antigos ensaios e faz rápidas considerações, não levando em conta os novos desafios emergentes hoje: o pobre apresentado no livro é abstrato, universal; nos dias atuais, estamos diante de uma sociedade de miseráveis, com os quais a teologia ainda não dialogou; ademais, novos sujeitos se despontam, e compreendem a espiritualidade sob outro prisma, como o pentecostalismo, na Igreja católica e fora dela.

Enfim: A visão do autor não deixa de ser importante síntese da Espiritualidade cristã presente na Teologia da Libertação. Embora não recupere as novas ondas da Espiritualidade atual, o livro é imprescindível para quem deseja aprofundar ainda mais a sua fé.

P. Paulo Roberto CAVALCANTI
Professor da Faculdade Assunção e do ITESP